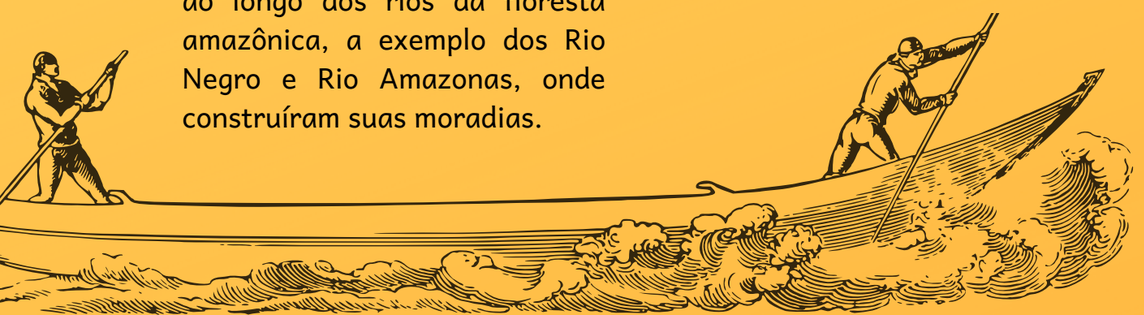
O que você sabe sobre as Comunidades Ribeirinhas?

Se você nunca ouviu falar sobre essa população, não se preocupe!

Esse panfleto foi criado para pessoas como você, que não sabe muito sobre esses povos MAS gostaria de saber!

Histórico

Na segunda metade do século XIX, muitos nordestinos deixaram sua terra natal e seguiram para a Amazônia atrás dos empregos oferecidos nas empresas que atuavam no ciclo da extração do látex das árvores conhecidas como seringueiras. Na década de 1950, com a crise da borracha, como ficou conhecida a queda do mercado brasileiro do látex, os seringueiros, como eram chamados aqueles que se dedicavam à extração desse material, ficaram sem alternativa de trabalho. A ausência de políticas públicas que tratassem da desmobilização desse contingente de trabalhadores fez com que eles se espalhassem ao longo dos rios da floresta amazônica, a exemplo dos Rio Negro e Rio Amazonas, onde construíram suas moradias.



Vida Ribeirinha

Por residirem em um ambiente onde a força da natureza se faz presente, os ribeirinhos aprenderam a viver em um meio repleto de limitações e desafios impostos pelo rio e pela floresta.

A relação desse povo com as mudanças naturais fez com eles que adaptassem o seu cotidiano, seu modo de morar e de buscar meios para sua subsistência. Suas moradias são construídas utilizando a madeira como principal alternativa de construção. A grande maioria das casas são palafitas, não possui energia elétrica, água encanada e saneamento básico e estão localizadas próximas às margens dos rios. Construídas alguns metros acima do nível do rio para evitar que sejam invadidas pelas águas durante as enchentes.

A relação diferenciada com a natureza faz dos ribeirinhos grandes detentores de conhecimentos sobre aspectos da fauna e da flora da floresta; o uso de plantas medicinais; o ritmo e o caminho das águas; os sons da mata; as épocas da terra. Esse convívio alimenta a cultura e os saberes transmitidos de pai para filho.

Entretanto, as comunidades ribeirinhas convivem com o isolamento econômico e social, ficando à margem de uma série de políticas públicas e mecanismos de controle da qualidade de vida. A situação geográfica de muitas dessas comunidades é um dos principais fatores limitantes de acesso aos serviços básicos de saúde e educação.

Saúde

Não há saneamento básico e o acesso á UBS e ao atendimento médico é precário. Quando se sentem mal, tentam se curar com o conhecimento que têm das ervas medicinais. Quando não melhoram, precisam esperar pelos barcos de saúde, que podem levar um ou seis meses para chegar dependendo do local. Existem comunidades ribeirinhas que recebem atendimento apenas 2 vezes por ano. Outra possibilidade é se deslocar até os centros urbanos, porém, essa viagem é muito longa e os barcos que levam essas pessoas até a capital passam apenas 2 vezes por semana.

Educação

O acesso à educação é muito limitado. Estima-se que ao menos 5 mil crianças e jovens tenham que sair de seu povoado, diariamente, para frequentar uma escola. Na melhor das hipóteses, conseguem uma lancha como transporte, do contrário, encaram embarcações menores e mais suscetíveis a bater em pedras ou a virar por causa dos banzeiros – marolas naturais ou provocadas por embarcações. As viagens são longas e cansativas, de 2 horas ou mais. Ainda é um desafio muito grande garantir esse direito básico ás crianças e jovens dessas comunidades.

PROJETOS E ONGS

NAPRA

Núcleo de Apoio à população ribeirinha da Amazônia

O Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia é uma organização privada sem fins lucrativos que tem a missão de apoiar as comunidades ribeirinhas e promover a formação de estudantes e profissionais para ação comunitária no contexto amazônico. As comunidades que apoiam estão localizadas na zona rural do município de Porto Velho, ao norte do Estado de Rondônia, nas proximidades de 3 Unidades de Conservação Federais e em uma extensão de aproximadamente 200 km às margens de um dos mais importantes rios amazônicos – o Rio Madeira.

QUER SABER MAIS? http://napra.org.br/

EM Victor Civita

Os alunos moram ao longo do rio. Ir e voltar todo dia é inviável por causa da distância. Por isso, ficam 15 dias na instituição e, depois, igual período em casa, com tarefas para executar. Quando estão na escola, os alunos acordam por volta das 6 horas. Diariamente, eles são responsáveis por lavar suas roupas e varrer os alojamentos e as classes. Para organizar essas e outras tarefas, o gestor da escola, José Ruy Nunes Lemos, dividiu todos em grupos, liderados pelos professores. Lemos também criou o "apoio técnico", uma comissão de cinco adolescentes que fazem a ponte entre ele e os demais jovens. As aulas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Religião, Inglês, Ciências, Educação Ambiental, Arte e Educação Física ocorrem das 7 às 17 horas, com intervalos para as refeições. Depois, há espaço para o futebol e o banho de rio, mas às 21h45, todos têm de estar na rede, nos alojamentos feminino e masculino. A EM Victor Civita pertence à rede de Novo Aripuanã, mas foi construída pela Fundação Amazonas Sustentável (FAS), que atua em 15 unidades de conservação no estado e criou escolas em sete delas. A gestão e os gastos são compartilhados com o poder público.

QUER SABER MAIS? https://youtu.be/-1HtoSCBA40

ASSHOP

As viagens que os Navios de Assistência Hospitalar (NAsH) da Marinha do Brasil realizam pela Amazônia atendendo à população carente daquela região são chamadas de Operações de Assistência Hospitalar à População Ribeirinha, ou simplesmente ASSHOP. Em cada ASSHOP um Navio atende a uma determinada região escolhida antecipadamente, de acordo com uma programação feita com antecedência. Esta antecedência é necessária para se prever todos os recursos logísticos necessários em uma empreitada desta envergadura. As experiências obtidas nas passagens anteriores dos Navios são utilizadas no planejamento.As regiões a serem visitadas são denominadas de Pólos de Saúde. As ASSHOP são realizadas nas localidades ribeirinhas mais carentes de atendimento de Saúde dos Pólos visitados. Esta carência é resultante da distância dos centros urbanos da região; da inexistência de serviços de saúde, públicos ou privados; da falta de cultura de higiene nas populações, da falta de atividades econômicas estáveis e lucrativas, e da falta de infra-estrutura de saneamento básico (água potável e esgoto tratado). Estas condições adversas resultam uma situação precária de saúde da população ribeirinha.

QUER SABER MAIS? https://www.marinha.mil.br